



INCERTEZAS E ENFADO NA CIDADE: Uma leitura de *Hoje está um dia morto* de André de Leones

**Andressa Andrade Pires¹,
Ewerton de Freitas Inácio²**

1 Graduanda do curso de Letras, bolsista do PBIC/UEG,
Universidade Estadual de Goiás, andressa.andrade@live.com

2 Docente do curso de Letras, Universidade Estadual de Goiás,
Anápolis (GO)

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Existencialismo. Nihilismo. Depressão. Tédio. Literatura goiana.

INTRODUÇÃO

Todo texto, literário ou não, traz marcas do tempo e do espaço em que foi escrito. O escritor busca em sua própria realidade os elementos para construir sua obra e, dessa forma, ao fazê-lo, está também de certo modo reconstruindo o mundo em que vive. Analisar a forma como a cidade aparece representada na literatura vai muito além de apenas compreender a (re)construção estética que o autor faz deste ou daquele ambiente citadino. Trata-se de enxergar essa cidade através dos olhos dele. A partir daí, adquirimos novas perspectivas e podemos enxergar nossas próprias cidades de maneira diferente. Estudar as cidades literárias leva-nos a questionar nossa própria condição de cidadãos, tornando-nos conscientes de nosso mundo e das influências que ele exerce sobre nós e vice-versa.

Em nossa pesquisa, nós nos propusemos a analisar a forma como a cidade fictícia (ou não) de Silvannya aparece representada na obra *Hoje está um dia morto*, de André de Leones. Mais do que a mera descrição espacial, buscamos verificar os efeitos que a cidade, caracterizada como “morta”, exerce sobre o estado de espírito e sobre a vida de seus habitantes. Tendo em vista que a narrativa culmina no suicídio dos protagonistas Jean e Fabiana, dedicamo-nos a investigar de que forma o ambiente tedioso e deprimente da cidade retratada por Leones contribuiu para esse desfecho.

MATERIAL E MÉTODO

Inicialmente, foi realizada a leitura do romance *Hoje está um dia morto* do autor goiano André de Leones. Em seguida, procedemos a uma pesquisa bibliográfica a respeito:

- das formas de representação da cidade na literatura;
- dos aspectos filosóficos e psicológicos da depressão;
- dos aspectos filosóficos e psicológicos do fenômeno do tédio;
- da filosofia existencialista;
- e da filosofia niilista.

Por fim, fizemos a releitura e análise do romance, a partir dos aparatos teóricos acima listados.

RESULTADOS

Gomes (1994), refletindo sobre a legibilidade da cidade, chegou à conclusão de que ela não se deixa ler facilmente. As tentativas dos autores, narradores e eu-líricos de transformá-la em algo legível resultam sempre em uma visão fragmentada da cidade, contaminada pela subjetividade daquele que fala sobre ela. Apesar disso, ler os resultados dessas tentativas é o único meio de que dispomos para tentar ler o “livro da cidade”, ainda que só tenhamos acesso a trechos dele.

Para isso, Gomes utiliza-se do processo de metaforização, através do qual busca dar uma forma mais palpável a alguns dos aspectos mais abstratos e, contudo, mais relevantes da cidade moderna. Compreendendo essa cidade “como aquela engendrada pelo capitalismo burguês, a partir da Revolução Industrial” (1994, p. 15), o autor enfatiza seu aspecto babélico, que pode ser facilmente observado em quase todas as cidades atuais, independentemente de seu tamanho. Os cidadãos modernos (ou pós-modernos), embora convivam uns com os outros, não se conhecem e não dialogam. Vivem isolados na multidão, sentindo-se incompreendidos e completamente sós.

Esse aspecto é observável também na Silvannya de Leones. Seus habitantes, embora vivam um mesmo espaço geográfico, não se comunicam de verdade. Como se falassem línguas diferentes, eles são incapazes de manter conversas reais com aqueles que estão próximos. Seus diálogos superficiais são sempre interrompidos ao menor sinal de aprofundamento emocional. Esse isolamento provocava dor, incertezas e angústias nas

personagens e, juntamente com outros aspectos da cidade, contribuiu para que elas decidissem que não valia mais a pena viver.

O que torna opressora e deprimente a cidade de Jean e Fabiana, no entanto, talvez não seja apenas seu caráter babélico. Nesse aspecto, ela pouco ou nada se difere das demais cidades modernas (ou pós-modernas) em que se vive hoje, em todas as partes do mundo. O que potencializa a sensação de morte em vida experimentada pelos habitantes de Silvannya é outro fator: o vazio.

A cidade se apresenta como uma Babel entremeada pelo vazio, pela ausência, pelo nada. Ao descrevê-la no prólogo, Daniel, o narrador, diz que a cidade *é* o vazio, e conclui: “Interessa aqui, portanto, a consciência, dolorosa para uns poucos, de estarmos em pleno nada” (2006, p. 9). O mesmo vazio visita Fabiana em seus pesadelos e aparece representado pela ausência dos pais na casa de Jean. É esse “vazio desgraçado” que intensifica o sentimento de tristeza e insegurança das personagens e gera inevitavelmente o tédio e as tendências depressivas.

Sartre, autor existencialista, afirma que a consciência emocional é, antes de tudo, “consciência do mundo” e que “a consciência não se limita a projetar significações afetivas sobre o mundo que a rodeia: [ela] vive no mundo que acaba de criar¹” (1973 apud ROCCA, 2012, p. 6, tradução nossa). É lógico concluir, portanto, que o mundo em que o indivíduo está inserido afeta diretamente suas emoções, de maneira quase determinista. Nesse sentido, a cidade tem o poder de provocar sentimentos nas personagens, através de seus estímulos — ou, neste caso, através da ausência deles.

Sobretudo em Jean, a percepção desse vazio, dessa ausência de contato humano e de estímulos de qualquer natureza, engendra uma visão niilista do mundo. Para ele, tudo parece reduzir-se a nada, nada é significativo. Jean não tem planos para o futuro: não espera nada do hoje (deste dia que está morto), e nem do amanhã. Quando o niilista chega a esse estágio de descrença no sentido da vida, discute Labern (2012), restam-lhe duas escolhas. O suicídio parece a saída óbvia. No entanto, “a tragédia do niilismo é que a máquina humana continua desejando a vida. Ela age como se houvesse um significado para sua existência. Talvez haja: passar adiante o código genético que ela carrega. Mas não é esse o tipo de significado que

¹ “La conciencia – señala Sartre – no se limita a proyectar significaciones afectivas sobre el mundo que le rodea: vive en el mundo que acaba de crear.”

estamos buscando²” (idem, recurso *online*, tradução nossa). A alternativa, portanto, é continuar vivendo. Mas o niilista que escolhe continuar vivendo inevitavelmente afundará numa depressão profunda, que Labern caracteriza como “depressão filosófica”.

Outro fator concorre para provocar esse estado depressivo que culmina nas mortes de Jean e Fabiana: o tédio, que é também constante na cidade deles, exercendo sua influência sobre todos ou quase todos os habitantes. Os mais jovens são os mais atingidos por essa “doença” que assola os centros urbanos do século XXI. Como efeito colateral, surgem os paliativos, as tentativas desesperadas de escapar do tédio, ainda que os efeitos sejam temporários e que depois, o indivíduo seja arrastado de volta para o sofrimento do enfado. Para Jean e Fabiana, essa escapatória é o sexo. Para Morgadim, é a maconha. Para Daniel e os outros jovens da cidade, são as festas regadas a álcool.

De acordo com Svendsen, o tédio está relacionado à expansão do niilismo e ao vazio. Para ele, “o tédio pode ser compreendido como um desconforto que diz que a necessidade de significado não está sendo satisfeita³” (2005, p. 30, tradução nossa). Para Jean e Fabiana, mais cedo para o primeiro, o tédio significou a morte. Isso não surpreenderia Svendsen, que relaciona as duas variáveis identificando o próprio tédio “como um tipo de morte, enquanto a morte assume a forma do único estado possível – um rompimento total com o tédio. O tédio tem a ver com a finitude e o nada. É uma morte em vida, uma não-vida⁴” (idem, p. 40, tradução nossa).

Svendsen argumenta, ainda, que o tédio é um fenômeno moderno. Com os adventos tecnológicos da modernidade, o homem foi desobrigado de uma grande carga de trabalho, que agora é realizado pelas máquinas. Por isso, ele agora tem tempo para ficar entediado. Além disso, como observa o autor, a cidade moderna se apresenta para o homem como algo pronto, acabado: “O homem é um ser criador do mundo, um ser que ativamente constitui seu próprio mundo, mas quando tudo já está completamente codificado, a constituição ativa do mundo se

² “The tragedy of nihilism is that the human machine continues to want to live. It acts as if there is a meaning to its existence. Perhaps there is: to pass down the genetic code it carries. But this is not the sort of meaning that we are searching for.”

³ “Boredom can be understood as a discomfort which communicates that the need for meaning is not being satisfied.”

⁴ “[...] like some sort of death, while death assumes the form of the only state possible – a total break with boredom. Boredom has to do with finitude and nothingness. It is a death within life, a non-life.”



torna algo supérfluo, e nós perdemos contato com o mundo⁵” (2005, p. 32, tradução nossa). Dessa forma, a cidade é um dos principais elementos geradores do tédio vivenciado por seus habitantes.

CONCLUSÃO

Os resultados que encontramos corroboraram nossa hipótese inicial de que a cidade de Silvannya pode ser considerada diretamente responsável pelo desfecho trágico da narrativa de *Hoje está um dia morto*. A pesquisa nos possibilitou compreender melhor não apenas a representação da cidade encontrada na obra de André de Leones, mas também os fenômenos envolvidos na experiência urbana vivenciada pelos habitantes das cidades modernas. Dessa forma, consideramos que nossos objetivos iniciais foram alcançados. Reconhecemos, no entanto, que a leitura realizada por nós não pode ser considerada definitiva. Existem múltiplas formas de representar e de ler a cidade no contexto literário. A que foi aqui apresentada é apenas uma delas. Nesse sentido, o tema permanece sempre aberto para novas investigações e interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LABERN, Luke. **Nihilism, Existentialism and Philosophical Depression**. LukeLabern.com. 2012. Disponível em: <<http://lukelabern.com/>>. Acesso em: 19 maio. 2015.
- ROCCA, Adolfo Vásquez. Sartre: Teoría fenomenológica de las emociones, existencialismo y conciencia posicional del mundo. **Nómadas, Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**. Madrid, n. 36, 2012.
- SVENDSEN, Lars. The Problem of Boredom. In: _____. **A Philosophy of boredom**. Londres: Reaktion Books, 2005. p. 11-48.

⁵ “Man is a world-forming being, a being that actively constitutes his own world, but when everything is always already fully coded, the active constituting of the world is made superfluous, and we lose friction in relation to the world.”